



FLORA

(Quadro de Casado del Alisai).

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91

BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno, 4\$800
Semestre, 2\$400. Trimestre, 1\$200 rs.

A cobrança feita pelo correio ou pelo entregador,
acresce o importe das despesas.

Extrangeiro — Um anno, 5\$400.

Numero avulso, 100 rs.

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29

Telegramas:—**CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

Vago

Contra riscos de guerra terrestres e marítimos, grêves, e tumultos em mobilias e edificios particulares, segura a Companhia Luzo-Brazileira de Seguros

SAGRES

Séde — Lisboa Largo S. Julião
19-2.º—Tel. Exp.º C. 2961. Tel. da Direcção:

C. 2657 Banqueiros: Pinto & Sotto Maior. — Agente em Braga, Amares, Povoas de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

Manuel da Conceição Rocha
Largo do Barão de S. Martinha—BRAGA

Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos, harmoniums, oculos, pincenez, binoculos, cutelaria, optica e artigos de phantasia.

Aurelio Monteiro & C.ª

Rua do Ovidor, n.º 123

Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta casa
Numero avulso 300 rs. (moeda brasileira)



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario Joaquim A. Pereira Villela. Director Dr. F. de Souza Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto

Braga, 19 de Abril de 1919

Redacção, Administração e Typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 298—Anno VI



João Penha

Distincto poeta parnasiano, gloria da litteratura contemporanea,
fallecido em Braga.

Chronica da semana

«A victoria dos renegados»



AQUELLE tempo, ao estalar a guerra, o commum das pessoas que usavam cabeça declarou-se decisivamente partidario d'uma neutralidade intelligente que sem comprometter com uma só beliscadura a velha alliança, nos resguardasse d'uma intervenção militar onerosissima para cuja mantença teriamos de empenhar o ultimo bolão das calças, e permittisse o aproveitamento de todo o inevitavel negocio lucrativo que á margem e á sombra da hecatombe viria a produzir-se . . .

Ainda conservo o numero do *Mundo* que, fiel ás orientações diplomaticas de Affonso Costa, fazia o elogio da Allemanha e do seu *Kaiser!* Raros, mesmo muito raros os que divergiam nos prognósticos de uma derrota da Entente. Conheço republicanos enfileirados na mais violenta ala do germanophilismo lusitano. Se um dia se elaborasse uma estatística dos seduzidos pela *kultur*, mais de metade d'esses aleives com que os plumilivos monopolisadores do patriotismo buscãram malsinar de traição um legitimo criterio de apreciação sobre os factos da politica externa recochetariam sobre as fileiras da republica e quem sabe se sobre os amoucos do proprio democratismo . . .

Depois, houve a transmigração apoltrona da dos ex-germanophilos para os exagêros de uma germanophobia caricata. Houve gente que no curtissimo espaço d'uma noite repetiu o «onde digo digo digo *Diogo* e onde cahiu o borrão digo *amor*», como o outro da carta de namoro. Esses forneceram os contingentes nutridos das calorosas algaras ás portas dos consulados, as gargantas que rouquejaram até ao desespêro postição das quasi-aphonias os vivas á Servia, e da Servia se proclamaram amigos. Esses constituiram a massa oscillante que parturejou, amojada de exaltações patheticas, o commerciante miliciano e nos faz admirar o portentoso avalar d'um farroupilha vivendo de *tiros* á bolsa dos amiserados conhecidos do café, volvido no *novo rico* ovante que resvãla o automovel pelo rebordo dos passeios das confeitarias do bom-tom e das joalherias scintillantes, que já nos mira por cima dos hombros, que nos amostra a mão que soperava bacalhãus ou malas, cravejada de aneis de caro recorte e mais caras incrustações, e que

laiga sem geito, sem espirito, sem goslo, por toda a parte onde fortunas se esbalgem, dinheiro ás rebalinhãs.

Esses ficaram sendo os *patriotas*. Nós outros, os que não nos quizêmos enganar sobre a morelidade das chancellarias, os que confiamos o nosso modo de vêr n'um *lusophilismo* quiça egoista se quizerem mas positiva e incontestavelmente sensato, e judicioso, nós outros ficamos atados uns aos outros pelo labêu de traidores . . .

Virá a provocar-se dentro em pouco, mais meridianamente do que provado tem sido, que a guerra engordou politicos, creou obesidades commerciaes, deu garantido pábulo a famulentos arrivistas, mas que, felizmente nos deixou a nós outros, os traidores com os de cada vez mais desvaliosos centavos que dançavam como um só par em vasto salão de baile dentro do nosso levissimo bolso do collête, no anno de desgracia de mil novecentos e quatorze.

Teimosos em nossas opiniões, eis que agora os factos veem de encontro a nós a conferir-nos o premio da acertadissima intransigencia!

O *Times* de 7 do corrente maio informa que ao fallar o sr. Affonso Costa, a assembleia de Versalhes dava mostras de impaciencia, e que o sr. Wilson passeava no jardim e o sr. Loyd George no corredor . . .

Nós tinhamol'o previsto, com as luzes da nossa *traição* soturna e cavillosa. Nós tinhamol'o previsto dentro da nossa logica de *degenerados portuguezes!*

Oh! a graça infinita d'este pequeno episodio por mim surprehendido ha dias no electrico.

Dois cavalheiros, e ambos democraticos estrêmos, fallam do discurso do grande Affonso. E dizia o primeiro:

— Parece que elles, os aliados, reflectiram, e que afinal, sempre receberemos alguma coisa, não lhe parece tambem?

E o outro:

— Sim. . . parece-me que receberemos um corno!

Portuguezmente fallando — *that is the question!*

F. V.

SERÕES AMENOS

DE FREY GIL DA SOLEDADE,
EGRESSO DA FALPERRA.

LXXIII

O nariz como relógio.

A QUELLE prestimo excepcional do nariz para vêr, que recordei no serão passado e não desejo a nenhum dos meus leitores, acres centarei hoje outro mais phantastico, mas menos doloroso. O nariz pode servir de relógio? Ha quem diga que sim mas não se assustem demasiado os relojoeiros — temam, antes, que lhes dê horas... a barriga.

A phantasia de varios auctores fem-os levado a viajar na lua — como se não bastasse andarem tantos por ahí... na lua metaphoricamente. Voltaire no *Micromegas*, Swift, o authentic Cyrano de Bergerac do seculo XVII, e o meu querido Luciano de Samosate, descreveram viagens á lua. A respeito da cara dos selenitas descreveu até Luciano vanlagens muito para appetecidas cá na terra nos fem, pos que vão correndo. Diz elle, na sua viagem: «Os olhos — (dos selenitas) — são amoviveis: *toüs ophthalmouïs periairetoüs échousin* — tiram-nos quando querem, guardamnos até serem precisos, e logo que os recollocam vêem claro. Quando alguem perde os seus, vê por uns empestados: ha quem colleccione olhos, o que constitue uma riqueza.»

Ora quanto a narizes, leio o seguinte na já citada obra *Et ab hic et ab hoc* do italiano Americo Scarlattí:

«Cyrano de Bergerac, no seu famoso romance *Histoire consique des Etats et Empires de la Lune* carrega a dose contra os relógios de sol, descrevendo os que se usam no nosso satellite.

«Continuei o meu passeio, conta Cyrano, e foi tão comprido que, quando voltei, o jantar estava pronto havia duas horas. Preguntaram-me porque chegava tão tarde.

«— Não é culpa minha, respondi ao cozinheiro que se queixava; pelo caminho perguntei varias vezes que horas eram; mas em vez de me responderem, aquelles a quem fazia a pergunta abriam a bocca e apertavam os dentes fazendo-me uma horrivel careta.

«— E então — exclamou toda a comitiva — não sabe que é assim que na Lua se indica a hora?

«— Serio! — atalhei, maravilhado. — Pois cá por mim podiam estar o tempo que, quisessem de nariz para o sol, que nunca o teria adivinhado!

«E' uma commodidade, acrescentaram, mercê da qual passamos bem sem relógios. Os dentes formam um mostrador tão certo que, quando se quer indicar a hora a alguem, basta abrir a bocca e a sombra do nariz indo projectar-se sobre um d'elles, indica com precisão a hora que se deseja saber.»

«Este curioso achado — commenta Scarlattí, será propriamente de Cyrano de Bergerac? Em muitos almanaques velhos encontra-se o seguinte distico do qual não conheço o auctor:

Si tuis ad solem statnatur nasus, hiante
Ore tuis disces dentibus hora quota est. (1)

Erguendo, aberta a bocca, ao sol o teu nariz
Sobre os dentes a sombra a hora certa diz.

Como se vê é precisamente a mesma cousa. Mas aqui não se trata decerto de uma ideia que possa nascer na cabeça de qualquer... mas de uma d'aquellas originalidades que bastante características dêste ou d'aquelle escritor. O auctor, que desconheço, do distico roubou a ideia a Cyrano — ou foi Cyrano que lh'a roubou a elle? Aqui está um d'aquelles profundos problemas cuja solução não tentarei nunca — mas que sempre encontram algum illustre matador de tempo que sobre elles funde a sua fama.»

Nanja fry Gil, que tem mais que dizer sobre o nariz para o ar!

Se os relojoeiros não tem decerto que reccar da vulgarização do processo de saber as horas pelo nariz. — que reccar e muito, terão aquelles que se exercitarem andando pelas ruas de nariz para o ar.

De nariz para o ar é precisamente o titulo de uma cançoneta de Leroy, que foi traduzida em portuguez (1) e tem desopilado muito fizado em theatros publicos e particulares.

Aqui vão as primeiras quadras e o *refrain*. Mais de um leitor conhecerá decerto a musica:

Ou por vicio ou de nascença
Todos nós temos um geito,
Entre todos ha differença
Um é torto, outro é direito.

Um é gordo, outro é esguio,
Outro deita os pés p'ra fora,
Outro a andar tem tal feito.
Que parece uma senhora.

Eu que da natureza
Sou mesmo a perfeição,
Defeito com certeza
Em mim não vêem, não.

Sou esbelto, sou perfeito,
Gentil mesmo, um regalo,
Porém o meu defeito
E' preciso confessá-lo.

Pois por minha sorte crua
Eu só sei andar p'la rua
De nariz, de nariz p'ra o ar
Sem ser capaz de o abaixar.
Que feio, oh ceus! que azar
Só sei andar de nariz p'ra o ar!
Não sou capaz de o abaixar, é sempre andar
De nariz p'ra o ar.

Etc, etc. — o resto não vale mais, nem como chiste, nem como versificação. Este, e outros cançonetistas nem merecem menção entre os *poetas menores* do nosso glorioso promontorio nasal. São o opprobrio do nariz, porque quem os lê, fóra do palco, sem musica, fica positivamente... de nariz á banda.

Outro patifão, um cançonetista de má morte, ejaculou até um libello contra o nariz, que n'outro serão apresentarei, com o merecido correctivo.

(1) Metrífico á pressa:

(1) Livraria Popular de Francisco Franco, Lisboa.

O caçador feroz

(Traduzido do allemão por Berger)

(Continuação da pag. 408)

«Cão! — a mim oppor-te queres?
As contas vou-te eu fazer.
Quem me dera entre essas vaccas
Comtigo as taes velhas ver.

«Que seria o mais suave
Prazer do coração meu
Montear-vos mesmo ainda
Pelas campinas do ceu.

«A'lerta, socios! — avante!
Cães! — avança! esê! perdido!»
E os cães no mais perto que acham
Saltam com fero latido.

O pegureiro por terra
Cae, em seu sangue banhado,
E sanguento o gado fica
Todo a li atassalhado.

A' morte escapou a custo
O veado, que fugia
Cada vez menos ligeiro,
N'uma floresta sombria.

Curberto de escuma e sangue,
Perdida a respiração,
Do bosque em meio salvou-se
No alvergue de um ermitão.

Segue-o o tropel incansavel —
Estalla o açoute incessante —
Soam buzinas — retinem
Os gritos de «aboca! avante!».

O solitario piedoso
Da cabana então saiu
E ao conde com brando gesto
Taes palavras dirigiu.

«Senhor, deixa teus intentos,
E o sacro asylo venera:
A creatura ao ceu se queixa
D'elle teu castigo espera.

Aos bons avisos, oh conde,
Cede pela ultima vez;
Quando não na perdição,
Certo, abysmado te vês.

Cuidadoso o da direita
Ao conde correu então:
Cortezes eram seus diclos,
Cortezes e de rasão.

Mas o da esquerda atijando
N'elle o animo damnado,
Do bom apesar do aviso,
Ai! do mau foi enganado.

«Perdição! — Disso me rio: —
Não cuideis que eu tenha susto:
No terceiro ceu que fora
Me escapara o cervo a custo.»

«Que me importa a ira divina?
Vae-te pregar ao deserto:
Teus sermões a montaria
Não farão falhar por certo.»

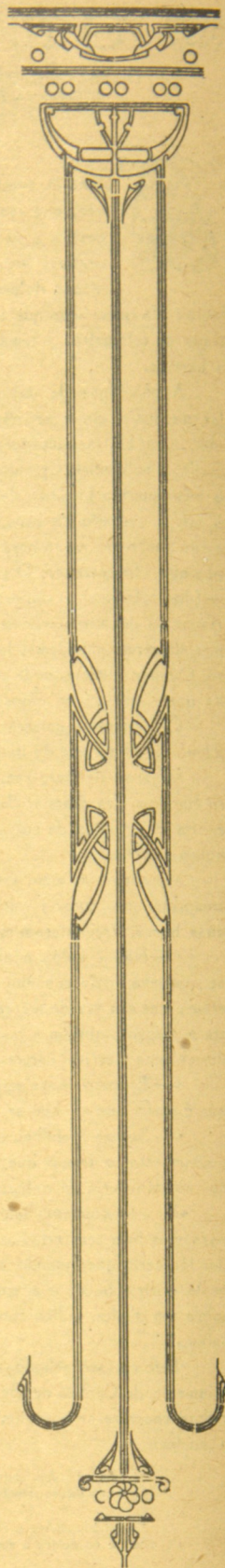
Assim disse o conde — o açoute
Sacode; as buzinas soam,
Ces! — aboca! — Ui! de diante
Homem e cabana voam.

Detraz corceis, homens fogem: —
Sons e gritos de caçada
Se esvaecem de repente
Da morte na paz gelada.

Davido o conde olha em roda: —
Tôca a buzina — não sôa;
Grita, em vão: nada ouve, o açoute
Vibra: mas no ar não tôa.

Para um e outro lado
O seu cavallo esporea: —
Nem para traz voltar pode,
Nem avante se meneo.

(Continúa).



Arte de receber bem

O que é a «sociedade».

BONS tempos esses, das recepções nos palacios! Bons tempos! Os tempos dos Palmellas e dos Farrobos: para não fallar de outros...

Um jornalista republicano, o snr. Urbano Rodrigues publicou ha tempos um romance intitulado *A Duqueza da Baêta*. E' um contraste e uma *charge*. E' a pintura da sociedade que chegou a subir com a democracia, pintura cheia de crueza, feita por um *habitué*.

Uma carta de um amigo conta-me cá para a provincia transmontana, aonde vim exilar-me, muitos episodios de essa vida lisboêta de hoje — em que elle se dá bem, com o seu sem-pudor e com a sua leviana ironia de rapaz sem peias, filho de merceneiro rico. E informa guloso talvez do bufête que o espera:

— As Z... recebem amanhã. Ora, deu-me para mandar á *Illustração* estas linhas de um não muito antigo cavalheiro de Sala que viu muitas *maneiras de receber*. Recordemos.

... Recêbe-se o aviso, o convite, e quasi sempre ha tempo de intervallo para ir procurar objectos d'arte, e... procurar *sandwichs*. As

recepções espaçadas estão mais em moda. Não por economia nem por indiferença, mas por necessidade: inauguram-se costumes novos. No tempo das diligencias havia, contava meu pae, dez paragens de demora, entre Santarem e Lisboa. Agora, vae-se d'uma cidade á outra, n'um

só traço, de aeroplano. Tambem ha longas étapes nos salões. Como não ser assim? E' bom ter (quando se pôde) uma carruagem: as tardes são de uma rapidez desesperante. E a gente ouve a cada passo tantas senhoras a bradar exaustiva ou arreliadamente:

— Com tantas *obrigações*, quem pôde ficar em casa?

Em casa ficam, no geral, as creadas, e os meninos que se deitam cêdo. Os mais levantam-se á uma, almoçam ás duas, e esfalfadamente cumprem as *obriga-*

ções do giro na Baixa o inevitavel *giro* na Baixa, minhas senhoras... Mas adiante.

As duas ou tres dezenas de amigos da Senhora X... não pôdem porém deixar de apparecer n'aquelles dias que precedem a recepção. E que desfile! E' impossivel apresentar-se alguem decentemente antes das quatro. Das cin-



Lisboa — Jardim Zoologico. O beinho do hipopotemo.

co e um quarto ás 7 e meia a cerimonia *bat son plein*. Todos os *fauteuils* dos salões estão guarnecidos dos privilegiados cuja vinda coincidiu com a retirada de outros, e que puderam assentar-se. Os restantes andam passeando na galeria, nos corredores, de chapéu n'uma mão, e com a outra na cinta, á maneira de aza de pucarinho, os olhos atirados suplicamente para os quadros, em busca de distração, de novidades que encham aquelles doze minutos que quem consagrar á senhora X... E' uma gralheáda de gaiolas, uma loquacidade de galinheiro, um bronhaba de sacristia, um dia de casamento rico! A senhora X... não cessa de estudar a mão, saudando os que chegam e os que se vão. Em volta d'ella conversa-se um pouco, como se pôde, do que se pôde, e com quem se pôde. Mas, como engatar uma conversa? como ter graça ou mais propriamente ter espirito, ao longo d'esta *gare*, ou n'este *rápido* em constantes arrancos de partida? A graça, o espirito, sahem em esguichos que espantam mais do que dão gosto. E depois, o publico lá se

retira aos grupos como no *cinema*: sendo preciso, um creado vem avisar-nos de que o espectáculo acabou para nós, e que convem deixar o logar aos novos espectadores, aos que chegaram mais tarde.

E eis os salões do bom tom, minhas senhoras!

Os jantares-concertos pertencem á mesma

categoria. E' uma confusão, diria a senhora Sevigné, que nada tem de agradável. Toda a gente está no mesmo plano, é da mesma altura, e falla-se ao mesmo tempo. E é claro, não ha convenções, não ha barreiras. Tudo se mistura.

— *Il n'y a plus de têtes quand il y en a trop*, dizia-me um dia um francez conceituoso. Nos salões e nos jantares dá-se isto mesmo.

* * *

Na verdade, não ha uma maneira antiga e uma maneira nova de receber, ha sobretudo caracteres, temperamentos, educações differentes. Pretende seguir se a moda quando, pelo contrario, é a moda que se decalca sobre os costumes do dia, que veste os gestos inéditos e cobre as pessoas segundo o seu modo de trazer a cabeça e de andar... E' perigoso, como sempre, generalisar, quer se encare as nossas *epochas*, quer se transponham fronteiras.

Demais, não é certissimo que em todos os paizes e em todos os tempos houve, ainda ha e haverá sempre a casa cujo limiar nunca

se adentra sob pretexto algum; aquella cujos donos sahiram e que com effeito se encontram a cada passo nas ruas; aquella onde móra um sujeito muito apressado (só um minuto, meu caro, pégo no chapéu e saio comsigo!)?...

E os pequenos quadros que se surpreendem, minhas senhoras, os martyrios de paciencia que não se soffrem ás vezes?!...



O nosso Amigo José Pereira Sabrosa, escritor, de renome, com sua exc.^{ma} esposa, D. Carmen Ochof, e cunhada. Cabinda — Africa Ocidental Portuguesa.



Estoril — Balneario (em construção).

— A senhora recebe?

— Se recebe? Não sei! Vou vêr... E a creada, a quem não ensinaram bem o recado, deixa-nos na salêta de entrada, quando não no proprio passeio, Escôam-se dez minutos.

Tem-se quasi a certeza, de que se lançou aquella casa n'uma atrapalhação. E já estaes dispostos a virdes embora quando um creado apparece, ainda mais embaraçado.

— Se v. ex.^a quer dar-se ao incommodo de entrar?...

E ides ser emfim recebidos! Mas tendes de esperar ainda um quarto de hora no salão! E que frio!

Os moveis, mesmo sem colchas, parecem

um novo sorriso, quasi se anima, finge que ainda vos quer prender, e finalmente— abre-vos a porta. Já a despedir-se agradece-vos o vos têrdes incommodado por sua causa... São muito pouco. Vive tão só.



A' porta da casa.

[Cliché de Vieira da Silva].

Anecdotas

Innocencio I e Manteneo

Mandou Innocencio I a André Manteneo, celebre pintor d'aquelle tempo, que lhe fizesse uma pintura dos sete peccados mortaes, e das sete virtudes contrarias, a elles. Acabada a obra, viu elle que o Papa lh'a não pagava bem, e disse-lhe que desse licença para pintar o oitavo peccado mortal que era a *ingratidão*. Entendeu o Papa, e respondeu-lhe: *Sou contente, contanto que vos não esqueça pintardes tambem a oitava virtude, e seja a paciencia.*

Bispo em progresso

Um prelado inglez, Mons. Perterson, bispo de Emmais *in partibus infidelium*, tornou-se celebre por seus bons ditos e respostas. Certa vez metteu-se n'um dos vehiculos, a que chamam *omnibus*, o que causou estranhêza a um catholico, que lhe boliu no caso.

— Mas, meu caro amigo, recalcitrou o Bispo, isto para mim é progresso. Eu era bispo *in partibus*, agora sou bispo *in omnibus*.

A maioria á hora da morte

O insigne Aparisi y Guizarro foi um dia increpado por certo liberalão, com estas ou parecidas palavras:

— Mas, Antonio, porque has de estar agora a sustentar essas ideias tão antigas e que todos retiram da circulaçãõ?

— Ora essa! Não cuides isso, porque tenho a maioria: á hora da morte todos me dão o voto.



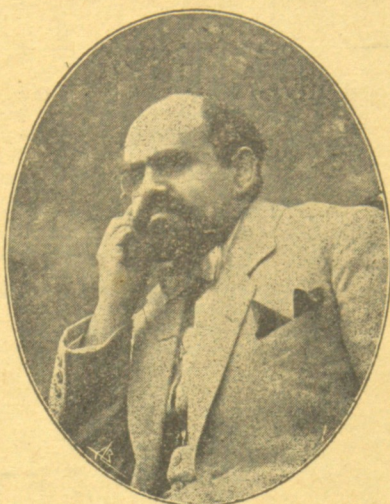
E vós sahis alliviados! Como o não ficaria ella tambem!

Assim se vive na *sociedade*: a arte de visitar não é uma arte de surprehender a vida caseira alheia? Os que *recebem bem* são os que melhor a escondem...

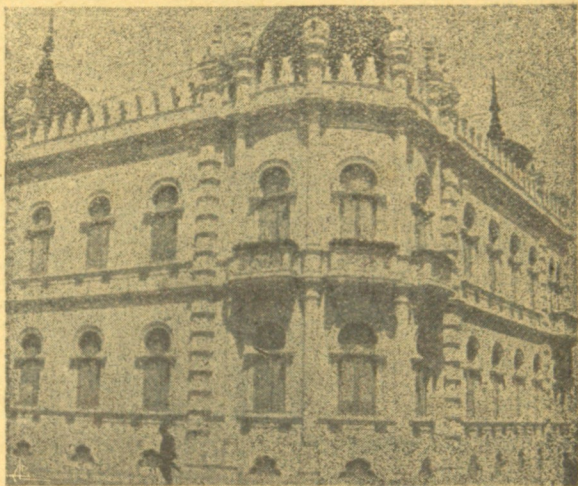
E afin! La Bruyère tinha razão:

Il me semble que l'esprit de politesse est une certaine attention à faire que par nos paroles et par nos manières, les autres soient contents de nous et d'eux mêmes.

— João de Lisboa.



- 1) *Echos do attentado* — A multidão visitando, nos Jeronymos, o cadaver do dr. Sidonio Paes.
- 2) O Sr. José Maria Ferreira, apreciado publicista e poeta, da cidade de Lisboa.
- 3) *Lisboa* — Palacete Ernesto Seixas, na Praça do Rio de Janeiro.



Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Vilela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com summa brevidade e maxima economia.

Tem annexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos Echos do Minho, e officinas de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição, e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.º Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

o clerigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão de idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pajavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcebispo, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

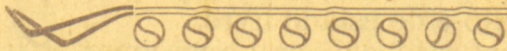
Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clerigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas de Oliveira, residente na Officina de S. José, em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericórdia de Vianna do Castelo, se residir no concelho de Vianna do Castelo; ao Rev. Padre Manuel da Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parcho de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsídios, etc.

Este, concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações chirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo, sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fora de Lisboa.



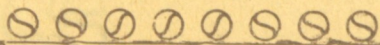
FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Gasa do Cañtiño



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero



Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1836

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos para o curso dos Lyceus, Commercial, e Instrucção Primaria.

Colégio Académico

GUIMARÃES

Campo da Misericórdia

A casa de educação e ensino mais
antiga desta cidade

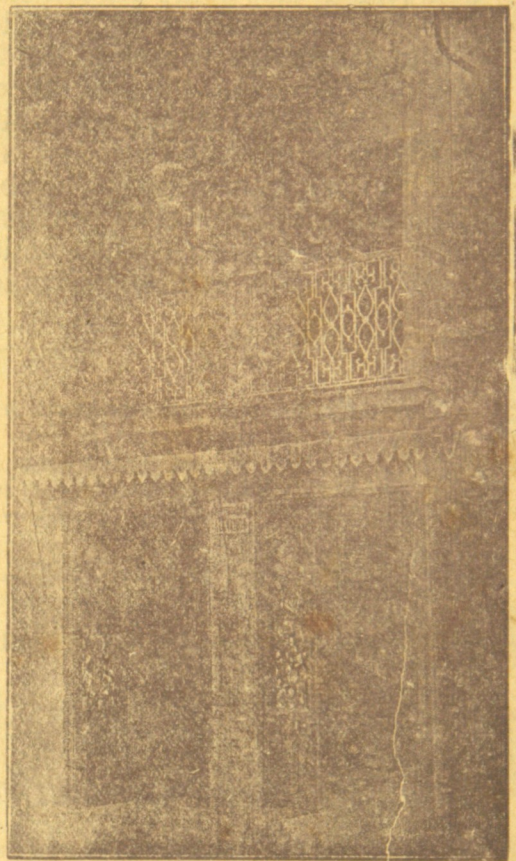
Bons resultados nos exames e sólida
educação são o seu réclame.

Pedidos aos directores

Dr. Alfredo Peixoto

Luiz Gonzaga Pereira

P.º José Maria dos Santos



PHOTOGRAPHIA ALLIANÇA

44 Praça Alexandre Herculano, 45

BRAGA